

CEDI - P. I. B.  
DATA 15.12.89  
COD. ØEDIS

TERRA DEVASTADA

A historicidade do saber sobre  
a fronteira  
-projeto de pesquisa-

Friscila Faulhaber

Campinas, março de 1989

## Estratégias de Pesquisa

Em minha dissertação de mestrado (Faulhaber, 1987) analisei, sob o ângulo da antropologia política, as representações dos povos indígenas sobre sua territorialidade (ibid, cap. I e II), procurando entender a organização social do espaço interno às áreas indígenas em relação à estrutura social e os fatos conjunturais do campo político regional (ibid, cap. III). Em uma volta ao campo, em 1985, pude registrar e analisar novos dados sobre a referida organização do espaço, nas aldeias de Marajá (Mayorúna) , Miratu (Miranha) e Barreira da Missão (Cocama). Nesta última aldeia eu realizei, conjuntamente com os índios, um mapa com a utilização do espaço com roças, áreas de mata, etc. Tenho dados desde 1981 sobre tamanhos das roças e preço dos produtos agrícolas e industrializados, que podem me permitir a realização de uma comparação ao longo do tempo.

Estou viajando novamente a campo, a fim de realizar uma análise das atuais transformações conjunturais de Tefé, como a presença da Petrobras, da Empresa Amazonense de Dendê e da FUNAI.

Pretendo, nesta viagem, realizar também novo estudo detalhado de caso, provavelmente nas aldeias do Marajá e Barreira da Missão, onde pretendo fazer um novo mapa da utilização da terra. O território nesta aldeia é bastante

reduzido: 4.500 mts de fundo para 3.600 mts de frente, para uma população de aproximadamente 450 pessoas, em 1985.

E importante realizar um novo mapeamento, a partir do qual, comparativamente, poderá ser estabelecida uma estimativa do tempo de esgotamento do solo em função das necessidades do grupo, e as possíveis estratégias dos índios em termos de alternativas de sobrevivência. No Marajá, eu tenho dados desde 1981 sobre tamanho da roça e outros indicadores sócio-econômicos de cada unidade familiar, e uma atualização poderá fornecer elementos para um interessante estudo comparativo.

Do ponto de vista de meus objetivos de pesquisa, seria extremamente importante realizar uma expedição pelo rio Japurá, que me permitisse, além de um levantamento da situação atual dos grupos indígenas que aí existem, fazer um estudo comparativo entre o Médio Solimões e a situação social dos grupos indígenas do Japurá, visto que a diferenciação sócio-espacial é um fato nesta região.

Os índios do Médio Solimões conhecem o Japurá, tanto através de relatos dos velhos Miranhas que migraram do igarapé do Cahuinari por causa das caucherias, quanto por experiência própria, trabalhando em seringais ou participando de atividades de "marretagem" (comércio pelos altos rios). Mais recentemente, estes índios puderam ver estas relações sociais com outros olhos, pois como têm participado do movimento indígena organizado nacionalmente, participam de

assembléias intertribais, viajam pelos "altos rios" visitando outros povos indígenas e travam amplos contatos com outras etnias localizadas em distintos pontos da amazônia.

Os depoimentos indígenas sobre estas viagens constituem um material de linguagem que pode ser analisado enquanto memória social, se confrontado com outros documentos históricos e com diários de viajantes e naturalistas que conheceram a região. É importante notar que estes depoimentos têm profundidade histórica pois, se analisados em perspectiva, remetem ao fato historicamente datado da violência das caucherias e ao espaço geograficamente referido do alto Japurá, na fronteira com a Colômbia.

Sua dimensão geográfica, contudo, não se restringe aos fatos passados. Ao contrário, a espessa dimensão significativa da visão de mundo indígena nos permite ter elementos para uma comparação entre os fatos históricos do passado e do presente das práticas sobre a fronteira nesta região.

Em relatórios recentes da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (CBDL, 1987), podemos verificar que os índios servem como guias nas expedições de inspeção dos marcos de fronteira. Nestes relatórios (ibid), sabe-se também da presença no rio Taraira de empresas mineradoras, como a Paranapanema.

Através de relatos indígenas, sabe-se que as distâncias interferem nos preços das mercadorias e as relações sociais, que são distintas no Médio Solimões e no Alto Japurá, na faixa de fronteira do Brasil com a Colômbia. Os depoimentos indígenas registram também que existem disputas políticas e por recursos econômicos, em uma área que é conceituada por eles como devastada, ou seja, de baixa densidade demográfica:

"Na fronteira...existe vários problemas, porque fica mais difícil...tudo difícil...os moradores em muitos longas distancias...não tem povoado, o lugar é assim, desabitado, então, eles fazem..o que querem. Se acontecer um desastre, por acaso, aí horas e horas, remando, de barco, para chegar na Vila Bittencourt. Para outra cidadezinha, é outra distância em frente. Então, eu acho que é por isso mesmo, a terra é devastada (grifo meu), não tem quase gente. Agora, passou da Vila, para outros países, a briga maior é porque lá está o ouro, né. No Japurá, porque lá está o ouro. Agora, no Brasil, mesmo, na nossa terra, na amazonia não tem ouro. Tem, com dias e dias, da fronteira, já em outro país, para lá, né. O ouro é no Traira, já no Peru tudo misturado. Porque é dois rios: O Japurá, batidinho, chega lá, entra o rio Caquetá pra cá e o Apaporis para lá. Chega lá em cima, aí é que entra o rio Traira. Só Peru. Colombia fica para cá...Agora, as mortes, o que são, é por causa do garimpo do ouro, né. E por isso que existe muita morte. Morreu muita gente. No tempo que estava lá, de sessenta e poucas pessoas,

parece que quinze desapareceram. Foi no ano retrazado... Mataram índios, e outros adversários, entre brancos mesmo, roubando ouro de outros, E lá, os índios, imprensaram os garimpeiros, e quase eles iam se acabando...Índio lá é bravo, né...não sei como é o nome da nação..."

Na estimativa do IBGE para 1984 encontramos em 1985 os seguintes dados , apresentados no quadro I, a seguir

QUADRO I

Municípios	População Estimada	Área (Km <sup>2</sup> )
Tefé	24.318	22.904
Alvarães	17.304	6.075
Uarini	7.014	9.850
Maraã	11.335	17.786
Japurá	2.103	23.623
Bittencourt	887	30.244

Verifica-se, portanto, à medida que se aproxima da fronteira, um escasseamento demográfico, que pode ser explicado em parte, pela importância de Tefé enquanto polo de crescimento incentivado pelos chamados planos de "integração nacional" voltados à Amazônia (Faulhaber, 1987b:154).

Pretendo, portanto, fazer uma comparação entre a situação das áreas indígenas do Médio Solimões (CEDI 85/86:152/155) e

dos grupos dispersos no Japurá (ver quadro II, em anexo). O conhecimento da situação destas áreas deve ser atualizado, pois não existe uma pesquisa etnográfica recente sobre os índios no Japurá e a sua situação fundiária, a não ser uma tese sobre os índios Maku (Pozzobon, 1983).

Através do depoimento de pessoas que conhecem o Japurá, sabe-se de vestígios de povoados miranhas como Samaúma, Jubará, Cahuinari - neste último ponto, segundo informações de 1985, existiam 200 miranhas. É necessário verificar como aparecem no Japurá a categoria "miranha" e outros classificadores étnicos - Issé, Passé, Mirafior, Carapanã, etc, nomes referentes a grupos considerados extintos.

Já tenho contato com índios que conhecem o Japurá e que estão dispostos a participar da expedição, de duração aproximada de 20 dias, em abril do corrente ano. Os índios Mayorunas do Marajá têm um barco de motor de centro, e estariam dispostos a fazer a viagem. Estes índios, simultaneamente, podem constituir a tripulação do barco e ser informantes da história das relações sociais no Japurá. Tenho contato também com um índio Miranha que pode servir como guia e informante entre os Miranhas do alto Japurá.

Pretendo, deste modo, ter elementos para a compreensão da história das relações sociais no Japurá, em termos das relações entre as representações do espaço pelos atores sociais locais, dos sentidos e significados dos lugares.

**QUADRO II: AREAS INDIGENAS DO SOLIMBES/JAPURÁ**

Povo	Aldeia	Mun.	area (km <sup>2</sup> )	população (*)
Miranha	Miratu	Uarini	288,00	350 (85)
Miranha	Méria	Alvarães	86,33	77 (85)
Cambeba	Jaquiri	Alvarães	11,50	60 (85)
Cambeba	Ig. Gde.	Alvarães	4,00	50 (85)
Mayorúna	Marajai	Alvarães	16,81	280 (85)
Cocama	B. Missão	Tefé	16,20	440 (85)
Canamari	Urubaxi	Marãá		5 fam (81)
Ticuna	Cuiú-Cuiú	Marãá		185 (76)
Canamari	Auti-Faraná	Japurá		4 fam (81)
Canamari	Boa-Boa	Japurá		2 fam (81)
Macu-Guariba	Jutai	Japurá		45 (81)
Ticuna	Mapari	Japurá		1 fam (81)
Macus	Uneuixi	Japurá		25 (79)
Macus			não contatados	
Miranha	Cujubim	Japurá		100 (79)
Macu-Traira	Apaporis	Japurá	não contatados	

(\*) Os dados de 85 foram obtidos em levantamento realizado por Priscila Faulhaber e os dados anteriores foram fornecidos pelo Pe João Antônio Zwidgeest, pároco do município de Marãá.



Quero entender como as relações espaciais são percebidas pelos habitantes do Japurá, pelos grupos indígenas, pela população ribeirinha, como os diversos atores sociais manejam e instrumentalizam o território.

Pretendo, nesta pesquisa, obter dados etnográficos que possibilitem uma comparação de processos antigos e recentes de colonização em espaços geográfica e socialmente diferenciados. Esta pesquisa deverá ser cotejada com documentos históricos que forneçam elementos para uma análise da relação entre o saber sobre a fronteira e processo históricos de territorialização.

## Orçamento

120 litros de óleo combustível	330,00
20 litros de óleo diesel	60,00
alimentação	100,00
brindes	100,00
diárias	300,00
filmes (10)	375,00
fitas(10)	105,00
transcrição de fitas	450,00
 total	 1810 ,00